

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Luz, câmera, ação!

Às vésperas da abertura da Berlinale, na quinta-feira, por toda parte se veem cartazes com um “B” gigante, e tapetes vermelhos já estão a postos na entrada dos principais cinemas e locais de festas da capital. Não é de agora que Berlim é uma metrópole cinematográfica. A história começou há quase cem anos, com a criação do complexo de estúdios Babelsberg, em Potsdam. Fundado em 1911 como o primeiro centro de produção de filmes no mundo, logo chamou a atenção com grandes clássicos alemães e produções estrangeiras rodados em suas dependências.

Antes da Primeira Guerra Mundial, os filmes que predominavam na Alemanha eram produções vindas de fora, muitas da França. Durante a guerra, entretanto, o número de filmes produzidos em Berlim cresceu tanto que somente entre 1914 e 1919 foram inauguradas 700 salas de cinema em toda a Alemanha. No entanto, foram os filmes da República de Weimar (1919-1933) que ficaram para sempre como os anos dourados do cinema alemão.

Bons exemplos do cinema inovador da época são “Nosferatu” (1922), de Friedrich Murnau; “O gabinete do Dr. Caligari” (1920), de Robert Wiene; e “O anjo azul” (1930), do diretor Josef von Sternberg. O filme que lançou Marlene Dietrich para o estrelato ganhou tradução para o português pelas mãos do historiador e escritor brasileiro Sérgio Buarque de Holanda.

A ficção científica “Metropolis”, de Fritz Lang, é outro expoente da cinematografia alemã. Rodada em 1927, a megaprodução do diretor austríaco custou 5 milhões de RM (Reichs Mark), algo hoje em torno de US\$ 207 milhões. Um clássico desde o surgimento, “Metropolis” segue sendo fonte de inspiração, seja na música, com Madonna e seu videoclipe “Express yourself”, seja no cinema com “Blade runner”.

No governo de Hitler, Babelsberg foi estatizado e utilizado para filmes de propaganda e de entretenimento até o fim da Segunda Guerra. Leni Riefenstahl (“Triunfo da vontade”, de 1935, e “Olimpíadas”, de 1938) e Veit Harlan (“O judeu Süß”, de 1940) — protegidos de Joseph Goebbels — são dois alemães que se tornaram referência da produção de filmes com ideologia nazista. Em “Tiefeland”, rodado entre 1940 e 1942 e finalizado em 1954, Leni usou prisioneiros ciganos do campo de concentração como figurantes. No crédito, eles são listados como camponeses. Em entrevista em 2001 (ela morreu em 2003), Leni ainda afirmava que os figurantes não foram maltratados, mas a maioria terminou em Auschwitz.

Nos anos do comunismo, Babelsberg se tornou o epicentro das produções cinematográficas da RDA. Entre 1946 e 1989 mais de 700 filmes, 750 animações e 2.250 documentários e curta-metragens foram feitos ali.

Com a reunificação da Alemanha, em 1990, a companhia recebe investimento de € 500 milhões. A modernização dos estúdios impulsiona o mercado. Desde então, 80% da produção dos filmes alemães hoje passam por Babelsberg.

O estúdio também é cobijado por equipes internacionais. No ano recordista de 2007, 300 filmes foram rodados aqui. Em 2009, enquanto Quentin Tarantino estava filmando “Bastardos inglórios”,

Roman Polanski filmava “O escritor fantasma”.

Berlim se firmou como um cenário convincente para qualquer tipo de história. “O que diferencia Berlim é sua diversidade e multiplicidade. É uma cidade plural. Cada bairro representa um universo único e conta uma história diferente. Pode ser uma metrópole à la ‘Blade runner’ ou um subúrbio no melhor estilo americano”, diz Isabella Parkinson, atriz brasileira que atua desde 1996 em longas alemães. Um deles, “Female2 procura HappyEnd”, de Edward Berger, participou do Festival do Rio em 2001.

Não se passa quase dia nenhum sem que alguma equipe cinematográfica bloqueie ruas em Berlim. “Operação Valquíria”, estrelado por Tom Cruise, e “A supremacia Bourne”, estrelado por Matt Damon, são apenas alguns dos filmes que pararam o trânsito nos últimos tempos.

Das produções pilotadas por Bernd Eichinger, o mais importante produtor alemão, falecido em janeiro, destacam-se: “Eu, Christiane F.” (1981), “A história sem fim” (1983), “Resident evil” (2002),

Berlim se firmou como um cenário convincente para qualquer tipo de história

“O perfume: a história de um assassino” (2006), “O complexo Baader Meinhof” (2008), “O nome da rosa” (1986) e “Casa dos espíritos” (1993). Bernd Eichinger foi, além de produtor, o roteirista do filme “A queda: as últimas horas de Hitler”, do diretor

Oskar Roeder.

Em muitos filmes, mais do que pano de fundo, a cidade é personagem central. É o caso de “Os assassinos estão entre nós” (1945), de Wolfgang Staudte, primeira produção alemã após o fim da guerra, lançando Hildegard Knef no cinema; “Cupido não tem bandeira” (1961), de Billy Wilder, que ficou por 43 semanas no Delphi Palast e que até hoje tem o cartaz original pendurado no cinema; e “Cabaret” (1972), de Bob Fosse, estrelado por Liza Minelli e vencedor de diversos Oscars em 1973.

Berlim e suas facetas também estão em “Alemanha ano zero” (1948), de Roberto Rossellini; “Berlim Alexanderplatz” (1980), épico urbano de R.W. Fassbinder; “Asas do desejo” (1987), de Wim Wenders; “Corra, Lola corra” (1998), de Tom Tykwer; “Adeus, Lenin” (2003), de Wolfgang Becker; e “A vida dos outros” (2006), de Florian Herckel, Oscar de melhor filme estrangeiro em 2007.

Saindo do forno, diretamente para a Berlinale, “Desconhecido”, com Liam Neeson e Diane Krueger, será apresentado no programa principal do festival, fora de competição. O suspense psicológico foi filmado na íntegra na Alemanha com a maioria das cenas nas ruas de Berlim. “Desconhecido” é uma coprodução e utiliza atores alemães no elenco, uma receita com tudo para dar certo.

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			